

HERÓIS X HERÓIS

Jeferson Candido *

I. *VERSUS*

Em outubro de 1975 surgia “um jornal bimestral de reportagens, idéias e cultura”: *Versus*. Vendido inicialmente de mão em mão, o jornal chegou a ter distribuição nacional, com tiragens de até 30 mil exemplares. Fundindo elementos usados livremente – jornalismo, fotografia, desenho, histórias em quadrinhos, literatura¹ – o jornal diferencia-se muito das outras publicações alternativas de então. Sem discutir pura e simplesmente política – ao menos até ser tomado pelo Partido Socialista dos Trabalhadores –, segundo Kucinski, *Versus* operava no “plano ideológico através de metáforas culturais e históricas, dos heróis das esquerdas”².

Outra particularidade do jornal é sua visão de América Latina. Estão em suas páginas não só textos de conhecidos autores latino-americanos, como também reportagens sobre os diversos países do continente. Em *Versus* também surge “o primeiro jornal negro dentro de um outro jornal”³, com a criação do caderno Afro-Latino-América, onde colaboravam escritores e intelectuais negros.

Por sua temática, *Versus* foi atraindo militantes políticos e exilados. Entra em cena a Liga Operária, organização clandestina, formada por exilados brasileiros que retornavam do Chile e Argentina. Era o segundo semestre de 1977 e o jornal estava em seu apogeu. Com a entrada dessas pessoas no jornal, cresce o ativismo dentro da redação, sendo formado um conselho editorial com a maioria dos membros pertencente à Liga Operária, o que levou às lutas internas. Têm-se a idéia de o jornal ser controlado pelo movimento Convergência Socialista (movimento

* Bolsista de IC PIBIC – UFSC/CNPq. Núcleo de Estudos Literários & Culturais – NELIC – UFSC.

¹ Depoimento de Marcos Faerman, criador e editor de *Versus* até o n.º. 23, in KUCINSKI, Bernardo – *Jornalistas e revolucionários*. Nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta Editorial, 1991, p. 189.

² Op. cit., p. 189.

³ Op. cit., p. 196.

criado pelos membros da Liga Operária que buscava a formação de um partido socialista) e a edição nº. 18 já sai sob seu controle. O movimento muda seu nome para Partido Socialista dos Trabalhadores. Com o jornal transformando-se em “boletim do partido”, Marcos Faerman e alguns colaboradores abandonam *Versus* em fins de 1978, mais precisamente no número 23. Com a prisão de muitos membros da Convergência, o movimento e o jornal passaram a ser dirigidos diretamente pelo PST argentino. A partir da edição 26, numa tentativa de melhorar a qualidade do jornal, foi oferecida liberdade de edição aos editores não-membros do partido, o que, porém, não durou muito. A vendagem do jornal caía continuamente.

Assim que puderam, os argentinos propuseram o fechamento de *Versus*. Uma das alegações era a de que o jornal era de má qualidade. Estavam na época fazendo a *Revista de América*, na Colômbia e queriam distribuí-la em toda a América Latina, inclusive aqui.⁴

No decorrer de 1979, o partido passa da clandestinidade para a esfera pública e o jornal deixa de ser importante na organização partidária. O número 34 saía em outubro, sendo esse o último número de *Versus*.

II. POLITIZAR A ARTE

Por suas particularidades, *Versus* é um dos mais importantes jornais alternativos da década de 70. Num momento em que a repressão era algo muito comum aos latino-americanos – repressão não só física, mas principalmente cultural –, quando todos eram calados, o jornal tornava-se porta-voz de intelectuais, escritores, desenhistas, fotógrafos. A arte, com suas metáforas, era usada como arma política: o teatro inca representando o fim de um povo ou a

⁴ Depoimento de Jorge Pinheiro, que assumiu o comando do jornal após a saída de Marcos Faerman. Op. cit., p. 206.

poesia negra de resistência e luta na África do então *apartheid*. Podemos afirmar que em *Versus* a arte adquire uma “função social”: através dela a crítica ao sistema, as denúncias. Junto com a militância política, *Versus* praticava também a militância cultural. Essa dupla militância encontramos nas reportagens, ensaios, crônicas, poesias – de autores como Júlio Cortázar, Gabriel García Márquez, Carlos Fuentes, Ferreira Gullar, Modesto Carone, Bóris Schnaiderman, entre outros. Tudo isso aliado ao grande diferenciador do jornal com relação aos demais: a imagem. Belos desenhos e fotos, fazendo da imagem não apenas a ilustração do texto, mas tornando-a também um texto.

Foi devido a essa importância dada a imagem pelo jornal que me propus a analisar as histórias em quadrinhos – HQs – publicadas em *Versus*. Sobre a história em quadrinhos, é sabido que nasceu e se desenvolveu dentro da cultura de massa. Não discutirei aqui essa relação, tema extremamente interessante, porém já muito debatido. Ressalte-se no entanto o fato de que nas décadas de 60/70, a história em quadrinhos – tanto a norte-americana e a européia quanto a dos países subdesenvolvidos – começam a colocar, como o cinema e a literatura, questões que remetem às problemáticas políticas, sociais, econômicas e culturais desse momento histórico⁵. A contracultura, as ditaduras latino-americanas, o “imperialismo” norte-americano, entre outras características do período, encontram-se presentes em muitas dessas HQs. Assim, através de uma breve apresentação dos “heróis” das HQs publicadas em *Versus*, essa militância cultural e política exercida pelo jornal poderá ser melhor compreendida.

III. *VERSUS* E AS HQS

⁵ Cf. CIRNE, Moacy. Os grandes momentos dos quadrinhos, in: *A biblioteca de Caicó*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983, p. 72.

Em *Versus*, praticamente todas as matérias são ilustradas e, muito comumente, a ilustração toma páginas inteiras. Entre os responsáveis pelas ilustrações estavam Luis Gê, Clémen, Angeli, Massao, Chico e Paulo Caruso, Jayme Leão, Jota, Edgar Vasques, Magnani, entre outros⁶. Alguns deles tiveram HQs publicadas no primeiro ano do jornal – Luis Gê, Chico Caruso e Edgar Vasques.

Durante o primeiro ano do jornal – out./nov., 1975 a out./nov., 1976 – *Versus* publicou em seus números quatro HQs: *A guerra do reino divino*, de Jô Oliveira, como suplemento do número de lançamento do jornal; *Angola*, de Luis Gê, no número 3; *A espera*, do argentino Enrique Breccia, no número 4 e *A morte de Pedro Ninguém*, texto de Luis Menezes ilustrado por Edgar Vasques. Um primeiro olhar sobre essas HQs já revela o caráter político que possuem. Os temas vão da história dos pampas argentinos, passando pelo nordeste brasileiro, a luta pela independência de Angola. Esse caráter político poderíamos ligar a outro: o alternativo. Alguns dos autores aí presentes faziam parte da equipe de *O Balão*, uma revista alternativa de quadrinhos, surgida alguns anos antes e que duraria até 1975⁷, “alternativa” não somente pelo tipo de HQs que publicavam, mas também porque o mercado era (como ainda é) quase que exclusivamente dominado por HQs estrangeiras, principalmente as norte-americanas. A publicação de um número especial de quadrinhos decorre da militância da qual vimos falando:

“(...) o valor dos trabalhos e artistas (...) nos levaram a pretensão e, em seguida, a mais absoluta segurança de que poderíamos lançar uma boa edição, que se evidenciasse entre as publicações que quebraram a trajetória linear, alienada e alienígena dos quadrinhos no Brasil.”⁸

São três as preocupações: bom trabalho estético, consciência política e identidade cultural.

⁶ Conforme expediente *Versus* n.º 5, jun./jul., 1976.

⁷ Cf. CIRNE, Moacy. Os quadrinhos à margem da margem, in: *A biblioteca de Caicó*. Op. cit. p. 85.

⁸ Editorial *Versus Quadrinhos*, s/d, 1976. Grifo meu.

Para o número especial, foram escolhidas cinco HQs: *Gino Meneghetti*, de Luis Gê; *Por que a senhora não muda pra Cotia?*, de Chico Caruso; *Os quatro cavaleiros do apocalipse*, de Jô Oliveira; *A guerra do deserto*, de Enrique Breccia e *Fantomas contra os vampiros multinacionais*, uma narrativa de Júlio Cortázar. Constam ainda como “quase editorial”, três tiras de Edgar Vasques, com seu personagem mais conhecido: Rango. Há ainda uma entrevista de Henfil a Antônio Tadeu Afonso. Me deterei aqui nas HQs propriamente ditas, excluindo as tiras de Vasques e a entrevista com Henfil.

VERSUS QUADRINHOS

Apresentemos as histórias.

Ao nos depararmos com *Versus Quadrinhos*, uma das coisas que mais nos chamam atenção é sem dúvida o nome de Júlio Cortázar. O que estaria fazendo o escritor num número dedicado as HQs? *Fantomas contra os vampiros multinacionais* segue a regra das histórias de Cortázar: o insólito com toda a naturalidade. O próprio Cortázar é o personagem-narrador dessa história, ilustrada pela equipe da Editorial Novaro, do México, que mistura HQ, gravuras, fotos e fac-símiles de documentos. O enredo: Após participar do Tribunal Russel II⁹, Cortázar compra uma revista mexicana do super-herói Fantomas¹⁰ para ler durante seu retorno a Paris. O episódio dessa HQ trata do desaparecimento de todos os livros do mundo. Fantomas é chamado para resolver o mistério. Isso é o que Cortázar está lendo. Ao chegar em casa, no entanto, recebe um telefonema de Susan Sontag, confirmando como verídico o que se passa na HQ. A partir daí, Fantomas, até então personagem fictício, procura Cortázar e outros escritores, como Susan

⁹ Tribunal que se dedicou a investigar as violações dos direitos humanos nos países latino-americanos.

¹⁰ Personagem de uma novela lançada em 1911, em Paris, por Pierre Souvestre e Marcel Allain publicada por Arthème Fayard. O personagem é retomado pela Editorial Novaro, do México, que passa a publicá-lo em uma revista na década de 60. Para maiores informações sobre Fantomas consultar <www.fantomas-lives.com>.

Sontag, Gabriel García Márquez, Alberto Moravia, entre outros, para discutir o assunto e pedir pistas. Cortázar, dando sequência a leitura da HQ constata que Fantomas descobre que um fanático francês é o responsável pelos atos, sendo esse o fim do episódio (na revista). Susan, no entanto, percebe e avisa a Cortázar e a Fantomas que tudo se passa de uma armação e que Fantomas foi enganado: o desaparecimento dos livros seria apenas um golpe preparado pelos “especialistas do sistema” para desviar a atenção dos escritores e intelectuais dos problemas concretos. É a personagem Susan Sontag quem diz:

Que são os livros ao lado dos que lêem Júlio? De que nos servem as bibliotecas inteirinhas se só estão dadas a uns poucos? Também isto é uma armadilha para intelectuais. A perda de um só livro nos agita mais que a fome na Etiópia (...).¹¹

O caso havia sido inventado para que Fantomas se ocupasse de outras coisas que não em punir os culpados pelo Tribunal Russel II. Após essa descoberta, e com a lista dos culpados, fornecida por Cortázar, Fantomas parte para uma ação direta sobre as grandes corporações, visitando inclusive o presidente norte-americano Gerald Ford. Sem ainda se antever o que decorrerá das ações de Fantomas, que saiu pelo mundo disposto a fazer justiça, Susan e Cortázar conversam sobre a necessidade de líderes, da união de cientistas, intelectuais e escritores. Ao mesmo tempo, Cortázar passa a ouvir no telefone vozes de pessoas dos mais diversos continentes: América Latina, Ásia, África – vozes de operários. Parece que o mundo está começando a mudar. Fim.

A história de Enrique Breccia, *A guerra do deserto*, passa-se em 1872. Como *A espera*, publicada no número 4, se passa nos pampas argentinos. As histórias de Breccia tem por tema a

¹¹ *Fantomas contra os vampiros multinacionais*, p. 8.

história dos pampas argentinos. Em *A guerra do deserto*, o protagonista é o gaúcho Rufino Sosa. Rufino tem sua casa incendiada e sua mulher raptada pelos índios. Ajudado por um garoto, Pedro, Rufino sai em perseguição dos índios. Após localizar o grupo, Rufino manda Pedro chamar os soldados de um forte próximo para que os índios sejam apanhados. Ocorre que os índios resolvem partir antes da chegada da tropa e Rufino, então, resolve atacar sozinho o grupo. Não tem a menor chance, e ao atacar o grupo, morre atravessado por muitas lanças. Antes de sentir as lanças entrando em seu corpo, Rufino ouve soar a corneta, da tropa que se aproximava. Esse um breve resumo da história.

Gino Meneghetti, de Luis Gê, narra o episódio da captura desse conhecido ladrão. O pano de fundo é a São Paulo das greves socialistas/anarquistas dos anos 20, que vemos comentadas e atentamente ouvidas por Meneghetti num bonde. Gino chega a ser retratado como o Robin Hood de São Paulo, quando dá dinheiro a um amigo grevista, e conta com a admiração de todos: “dá-lhe Menega” gritam ao verem-no fugindo da polícia. Encerrando a história, há uma nota falando da mobilização ocorrida para sua prisão e uma foto de página inteira de Gino Meneghetti preso e espancado.

A história de Chico Caruso, *Por que a senhora não muda pra Cotia?*, trata de uma série de assassinatos misteriosos ocorridos em São Paulo. Ao investigar essas mortes, depois de uma “longa, longa pesquisa”, o delegado, Dr. Modesto, descobre que o assassino misterioso de suas vítimas é a poluição, causada pelo “sistema capitalista industrial moderno, mas pode chamar só de capitalismo”. Indagado por uma senhora que teve seu filho morto sobre o que ela deveria fazer, Dr. Modesto lhe responde: “Por que a senhora não muda pra Cotia?”. Em nota do autor,

consta que Cotia é um “atraente e progressista município próximo a São Paulo, famoso por suas formosuras naturais e cooperativas agrícolas”.¹²

A últimas das histórias, *Os quatro cavaleiros do apocalipse*, de Jô Oliveira, também a mais longa das histórias (16 páginas) narra a história de Severino, no sertão nordestino. Resistindo ao primeiro dos cavaleiros, a seca, Severino e seu irmão João ficam em suas terras e cavam um profundo poço no qual encontram água. Surge o segundo cavaleiro, na figura do jagunço: um bando de jagunços, a mando do coronel Saturnino mata João, mas Severino escapa por pouco. Ao procurar ajuda, Severino cai nas mãos do terceiro cavaleiro: a polícia. É espancado e após desmaiar é tomado por morto. Recolhido por um grupo de pessoas, é levado a presença do beato Damião. Este, com suas orações, consegue fazer com que a chuva caia sobre o sertão. Surgem inesperadamente, no entanto, os jagunços, que matam a todos, saindo ileso novamente, somente Severino. Cansado do que vê, e diante de sua impotência, Severino apela ao diabo. Invoca-o e eis que surge Satanás. Para provar a força do cujo, Severino pede-lhe que mate o bando de jagunços, o que o diabo faz com facilidade. Enquanto discursa sobre seu poder, o diabo (grande ególatra!) é surpreendido pela polícia, que o mata. Severino se encontra em apuros, pois após matarem o diabo, a atenção da volante se volta contra ele, “amigo do tinhoso”. Perseguido, finalmente é cercado pela polícia. Há um tremendo tiroteio. Ao abrir os olhos, Severino percebe que foi salvo: pelo bando de Lampião. Resolve então juntar-se ao bando, uma vez que junto ao grupo pretende “lutar contra as injustiças”. Tendo sua força elogiada, Lampião lembra a Severino que por mais forte que seja seu bando, não podem ser mais forte que o último dos cavaleiros do apocalipse: “Homem, a gente luta contra todos. Mas a morte é diferente, cedo ou tarde ela nos vai levar. E não há outra saída”.¹³

¹² *Por que a senhora não muda pra Cotia*, p. 36.

¹³ *Os quatro cavaleiros do apocalipse*, p. 52.

HERÓIS (COM MUITO CARÁTER)

Pela descrição dessas histórias já podemos perceber que nossos heróis não são iguais aos heróis de grande parte das HQs que encontramos nas bancas. Salvo Fantomas, nenhum deles é um “super”, reconhecido mundo afora.

Fantomas, como um super-herói que é, possui poderes que não são comuns aos humanos: pode voar de um continente ao outro rapidamente e sua grande arma é poder assumir outras personalidades, transformando-se em pessoas diferentes. Fantomas apresenta-se como igual a todo “super”, porém, ao longo da história, passa a ter consciência política. A personagem Susan Sontag o adverte de que fora enganado, o problema não é o sumiço dos livros. O problema é o sistema – os “especialistas do sistema” armaram a história dos livros para entreter a ele e aos intelectuais. Cortázar mostra a Fantomas alguns documentos apresentados no Tribunal Russel II, como relatórios confidenciais das empresas ITT e Química Hoescht. De posse de uma lista de acusados pelas violações dos direitos humanos, Fantomas passa a agir de uma maneira que nenhum outro super-herói agiria: utilizando seu poder de transformar-se em outras pessoas, infiltra-se em reuniões de executivos de multinacionais, procura governantes, agentes da CIA e começa a fazer justiça com as próprias mãos. Imaginem o Super-homem e seus super-amigos – para quem o mal parece assumir o aspecto único de ofensa a propriedade privada e o bem configura-se sempre como caridade¹⁴ – numa luta contra nosso heróis! Fantomas é o super-herói que enfim resolve atacar os responsáveis pela opressão mundial. A luta não é fácil, o próprio Fantomas reconhece: “sou pela ação direta, e isso das multinacionais me complica a estratégia no

¹⁴ Cf. ECO, Umberto. O mito do Superman. In: *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo, Perspectiva: 1976, p. 277.

ringue, sem contar que são como esses vermes que quanto mais os cortas em pedaços, tanto mais se reproduzem e saltam para todo o lado”.¹⁵

Quanto aos demais heróis, nenhum é super. Assim é o gaúcho Rufino de *A guerra no deserto*. O herói não é propriamente Rufino, mas o gaúcho que ele é. Tanto o gaúcho é o herói de Breccia, que em *A espera*, o protagonista é “o gaúcho Calixto Ordoñez”, um branco que vive entre os índios e luta ao lado deles contra os brancos. Já Rufino é um branco que não vive com os índios, mas luta contra eles. Breccia lembra, na introdução de *A guerra do deserto*, que os pampas foram uma testemunha muda de uma guerra entre brancos e índios, guerra da qual Breccia parece não optar por nenhum dos lados, pois embora Rufino e Ordoñez estejam em lados opostos, parecem o mesmo personagem. As características de um são as características do outro. Ambos são gaúchos.

Gino Meneghetti é resgatado por Luis Gê e apresentado sob uma nova ótica. Como apresentar alguém considerado um ladrão como um herói, como o “Robin Hood” de São Paulo?

[Recordatório] As populações da Grécia e da Itália sempre conheceram e praticaram, desde a mais alta antiguidade, a propriedade privada, cuja idéia estava na própria religião. A propriedade era uma instituição sem a qual a religião doméstica não podia passar – cada família tinha o seu fogo e os seus antepassados. (...) Não foram as leis que primeiramente garantiram o direito à propriedade privada, mas a religião. [Corta para o quadrinho seguinte, onde vemos Meneghetti invadindo uma residência] Meneghetti era ateu.¹⁶

Talvez por não ter super-poderes Meneghetti acaba sendo preso. Só mesmo Fantomas – nem pensar no Super-homem! – para salvá-lo.

¹⁵ *Fantomas contra os vampiros multinacionais*, p. 9.

¹⁶ *Gino Meneghetti*, p. 28

A história de Chico Caruso, ao contrário das demais, não tem um propriamente um herói. Teria: Fantomas, mas esse não foi chamado. O grande personagem dessa história é o vilão: sistema capitalista industrial moderno. Dr. Modesto não tem outra coisa a fazer que não seja dizer a senhora que se mude para Cotia, uma vez que sendo apenas o humano impotente (anti-herói?) que é, torna-se pequeno diante do vilão incombátível “capitalismo”.

Mas o papel de grande herói das HQs brasileiras publicadas por *Versus* parece pertencer a Lampião. Já em *A guerra do reino divino* Lampião é alçado pelo beato de um lugarejo a D. Sebastião. Lampião seria o mítico rei, enfim de volta, que iria vingar seu povo massacrado pela besta (uma clara referência a Canudos). Em *Os quatro cavaleiros do apocalipse* Lampião é o único a vencer todas forças: a seca, o jagunço, o diabo, a volante. É seu bando que salva Severino da morte, quando estava cercado e não poderia mais sobreviver, matando a volante que o perseguia. Somente Lampião pode combater as injustiças sendo por isso “adorado por muitos, odiado por poucos”. Apenas a morte vence Lampião – afinal, nossos heróis também morrem.

Creio que os heróis aqui apresentados – heróis do mundo subdesenvolvido – confirmam aquilo que Moacy Cirne afirmava em 1979, ou seja, representam “uma proposta que atende à luta por um quadrinho novo, politicamente combativo, que não se isola da luta geral por uma arte que também seja nova. E comprometida”¹⁷. Uma arte de resistência, que busca sensibilizar os leitores¹⁸. Fantomas – o super-herói que passa a ter consciência política – toma as dores dos oprimidos pelo “sistema”, o mesmo sistema que torna Dr. Modesto impotente diante das mortes investigadas, que é o responsável pelas lutas entre brancos e índios, das quais emerge o gaúcho, herói dos pampas. Meneghetti é um herói, por que vai contra o sistema: rouba dos ricos e é amigo dos grevistas. Lampião é considerado o herói do sertão nordestino dominado pela seca e pelos

¹⁷ CIRNE, Moacy. “Por um quadrinho politicamente combativo. *Versus*, n.º. 29, p. 34, fevereiro, 1979.

¹⁸ Cf. Idem, *ibidem*, p. 34.

coronéis, mantenedores do sistema. Se algo une esses heróis é o vilão em comum que todos tem. A proposta de *Versus* de ser um jornal que retrate a América Latina se cumpre mais uma vez com a publicação dessas histórias. Antes mesmo das ditaduras, é o capitalismo que oprime o continente. A tática da politização da arte atingiu também as HQs.

Se o propósito de *Versus Quadrinhos* era se evidenciar entre as publicações que quebraram a trajetória linear, alienada e alienígena dos quadrinhos no Brasil, podemos dizer que esse propósito foi atingido: de um lado o gaúcho, o cangaceiro e o ladrão malandro, liderados pelo super-herói consciente. Do outro, Batman, Fantasma e Super-homem, liderados pelo Capitão América. Até aqui, nossos heróis parecem estar em desvantagem.